

**ROBERTO SCHWARZ**  
**E O POBRE NA**  
**LITERATURA BRASILEIRA**

SPALDING, Marcelo <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Marcelo Spalding é graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestrando em Literatura Brasileira na mesma Instituição.*

**RESUMO:** Apesar da péssima distribuição de renda do Brasil e das diversas representações literárias sobre o tema, na crítica literária brasileira não há muitos estudos marxistas, muito menos sobre a pobreza ou o pobre. Isso não impede que um dos mais importantes críticos literários do país, Roberto Schwarz, trabalhe com o materialismo e o conceito marxista de classe social, estudando especialmente o pobre na literatura brasileira. O crítico, que teve como mestre Antônio Cândido e recorre a sua dialética a todo momento, trabalha com o conceito marxista de classe social desde seu primeiro ensaio sobre Machado de Assis, *Ao vencedor as batatas*, publicado em 1977. Em 1983, já num período de redemocratização política no Brasil, Schwarz organiza uma antologia intitulada *Os pobres na literatura brasileira*, onde consta um ensaio seu sobre a personagem Dona Plácida como representação típica da pobreza social na literatura. Este ensaio será retomado em *Um mestre na periferia do capitalismo*, de 1990, continuação do estudo machadiano. É neste estudo, em que há um capítulo especialmente dedicado aos pobres, que Schwarz propõe que a viravolta machadiana da primeira para a segunda fase de seus romances é de ordem ideológica, mais do que técnica. Mais tarde, em 1997, o crítico ainda se envolve com a produção do romance *Cidade de Deus*, onde os protagonistas são todos pobres e ao qual o crítico saúda como um “acontecimento”. Sua obra, dessa forma, é uma clara evidência de que se pode, sim, estudar a relação entre literatura e sociedade a partir da prosa brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roberto Schwarz, literatura brasileira, materialismo

**ABSTRACT:** Despite the terrible Brazilian income distribution and the literary representation about this topic, in literary criticism of Brazil there are not many Marxist studies, let alone about poverty and the poor. It does not hinder one the most important critics of our literature, Roberto Schwarz, from working with materialism and the Marxist concept of social classes, studying specially the poor in Brazilian literature. The critic, that was a student of Antônio Cândido, has been working with these concepts since his first study about Machado de Assis, *Ao vencedor as batatas*, published in 1977. In 1983, in a re-democratization period of Brazilian politics, Schwarz organizes an anthology with the title *Os pobres na literatura brasileira*, where his essay about the character Dona Plácida is published representing social poverty in the literature. This essay will be retaken in *Um mestre na periferia do capitalismo*, 1990, where the critic continues the study about Machado de Assis. In this study, where there is a chapter specially about the poor, Schwarz considers that Machado's challenge in the last novels was ideological, more than technical. Latter, in 1997, the critic still helps the production of the novel *Cidade de Deus*, where the poor are the protagonists. His work, this way, is an evidence that it is possible to study the relation between literature and society in Brazilian prose.

**KEYWORDS:** Roberto Schwarz, brazilian literature, materialism

O Brasil não é a Áustria. Longe disso. Afora todas as diferenças culturais, geográficas e históricas, o Brasil convive com a oitava pior distribuição de renda do mundo (num universo de 177 países pesquisados), ficando 46,9% da renda nacional concentrada nas mãos dos 10% mais ricos e apenas 0,7% nas mãos dos 10% mais pobres<sup>2</sup>. Mais do que números alarmantes, essa diferença resulta num permanente conflito social cujos efeitos velados são relatados diariamente nas manchetes dos jornais e há muito figuram nas nossas representações estéticas, incluindo aí a literatura. Era de se esperar, portanto, que os estudos literários também refletissem esse traço brasileiro, debruçando-se sobre a realidade social e as representações artísticas para tentar entender como um interfere no outro ou como as representações podem ajudar na realidade. Era de se esperar.

Se pesquisarmos na Plataforma Lattes<sup>3</sup> quantos grupos de pesquisa estão estudando a relação entre a literatura, a lingüística ou as artes e “pobre”, “pobreza”, “marxismo” ou “classe” teremos uma tranqüila sensação de viver na Áustria: nenhum. Apenas para ilustrar, se mudarmos as palavras acima citadas por “psicanálise” teremos 26 grupos de pesquisa; por “pós-modernidade”, 23 grupos; por “mulher”, 8 grupos; “feminismo”, 7 grupos; “etnia”, 6 grupos; “religião”, 5 grupos; e até o estudo da “ecologia” conta com 3 grupos de pesquisa.

Uma breve busca por assunto nos currículos Lattes da mesma plataforma corrobora com este paradoxo: se buscarmos por “psicanálise e literatura” retornarão 1608 registros, “feminismo e literatura”, 597 registros, “etnia e literatura”, 417 registros, “classe social e literatura”, 131 registros. Grosso modo, temos 12 vezes mais pesquisadores interessados em psicanálise e literatura e quatro vezes mais interessados em feminismo e literatura do que em classe social e literatura.

A pouca quantidade de críticos literários preocupados com o aspecto social não significa uma total ausência deles, tampouco

<sup>2</sup> ZIMMERMANN, Patrícia; SPITZ, Clarice. Brasil é oitavo país em desigualdade social, diz pesquisa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07 set. 2005. Cotidiano, p. 5.

<sup>3</sup> Plataforma Lattes. *Site do CNPQ*, Brasília, s.d. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/index.htm> Acesso em 29 junho 2006.

uma fraca importância desse recorte na crítica brasileira, e o objetivo deste artigo é exatamente entender como opera o estudo da literatura a partir de um recorte social – e mesmo de um repetido interesse no pobre – na figura de um intelectual que, curiosa ou sintomaticamente, nasceu na Áustria: Roberto Schwarz.

Nascido em Viena no ano de 1938 numa família de judeus, Schwarz veio para o Brasil muito cedo devido à invasão alemã na Áustria. Aqui estudou na Universidade de São Paulo com mestres como Antônio Cândido, tornou-se amigo de Anatol Rosenfeld e participou de um grupo de estudos marxistas coordenado por Anatol que seria decisivo na sua formação: “estudar Marx na época não era assimilar um clássico entre outros, tratava-se de apostar na reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea”, afirma o crítico. (SANTOS; MOURA, 2004, *Online*)

Antes de ser obrigado a exilar-se por causa da ditadura militar, Schwarz chegou a publicar no Brasil um livro de ensaios, *A sereia e o desconfiado* (1965). Luís Augusto Fischer (2004), em artigo sobre o jovem Schwarz reconhece em *A sereia e o desconfiado* “profundo significado no trabalho futuro de seu autor, como um passo inicial de um esforço que se estenderia pelas décadas seguintes” (p. 16) e afirma estar ali já “demarcada sua família intelectual de escolha, de Marx a Adorno passando por Lukács” (p. 10), mas mesmo o professor entende que é “*Ao vencedor as batatas* [o] livro-chave de sua obra, ponto maduro de seu pensamento”. (p. 2) E, portanto, nosso ponto de partida.

Originalmente uma dissertação de doutorado defendida na Universidade Paris III, Sorbonne, *Ao vencedor, as batatas* (1977) inaugura o estudo cerrado de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis. Já no primeiro capítulo, “As idéias fora do lugar”, o crítico aborda a formação social do Brasil na segunda metade do século XIX, dividindo a sociedade em classes, e parte dessa premissa para a análise literária:

A chave [da vida ideológica] era diversa. Para descrevê-la é preciso retomar o país como um todo. Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara,

é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é sua caricatura (SCHWARZ, 1977, p. 16).

Ao afirmar que é a multidão dos terceiros que interessa, ou seja, que não é o proprietário, o rico, o autor já dá uma pista de seu recorte social e deixa evidente por onde transitará seu pensamento. Nesta primeira obra sobre Machado – que deve ser lida como um primeiro volume completado por *Um mestre na periferia do capitalismo*, de 1990 –, Schwarz analisa os romances da primeira fase machadiana, especialmente *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), nos quais, segundo o crítico, trata-se da desigualdade social de forma superficial, não conflitiva. Mais contido do que na segunda parte – vale lembrar que ainda estamos em plena ditadura militar –, tenta demonstrar como o escritor da época precisava fazer ideologia, historiografia e ficção ao mesmo tempo, diferentemente dos contemporâneos franceses, que bons ou ruins, progressistas ou reacionários, beneficiavam-se da clareza que tinham as classes sociais. Desta forma Schwarz justifica o imobilismo das classes sociais nesses primeiros romances machadianos, em que “pela recusa da solução pessoal a sua análise é de classe, sim, entretanto a sua dimensão coletiva não tem sequência”. (SCHWARZ, 1977, p. 132)

Em entrevista no ano de 1990, por ocasião do lançamento de *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz dá uma resposta que de certa forma sintetiza o que ele exaustivamente demonstrou em *Ao vencedor as batatas* e concluiu em *Um mestre...*

Um tema básico nos romances da primeira fase é o estrago causado pela conduta arbitrária e caprichosa de algum proprietário. (...) A intenção artística dessas obras, todas mais ou menos fracas e edificantes, é de educar sem ofender, apagar as brutalidades inconscientes ou desnecessárias da classe abastada, no quadro geral do clientelismo brasileiro. O que esses livros estão dizendo é que se a gente de posse tratasse os pobres de modo menos bárbaro seria melhor para todo mundo, inclusive para os ricos, já que teríamos uma sociedade mais civilizada. (...) Parece razoável supor que a virada corresponde a uma nova convicção [de Machado], segundo a qual as relações entre os proprietários e seus dependentes não vão se resolver segundo as regras da civilidade, porque o interesse dos primeiros não é este (SCHWARZ, 1999, p. 223-4).

Aqui já estamos diante de um Schwarz mais incisivo, de certa forma livre das amarras ditatoriais e seguro de seu caminho enquanto crítico. Isso, aliado ao objeto de estudo de *Um mestre...*, que é *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – considerada primeira obra-prima machadiana –, permite ao crítico deixar mais evidente sua leitura de conflito social em que o pobre é relegado e explorado. Neste segundo volume lê-se, por exemplo, que “[as intromissões do narrador] serão vistas enquanto forma, (...) como estilização de uma conduta própria à classe dominante brasileira” (SCHWARZ, 2000, p. 17-8), que “fica clara a intenção de sintetizar um tipo representativo da classe dominante brasileira através das relações que lhe são peculiares” (*Idem*, p. 71) e que “tudo que ficou dito decorre da identificação da fisionomia de classe do narrador.” (*Idem*, p. 172)

Seguindo essa linha candidiana, não é de se estranhar que em *Um mestre na periferia do capitalismo* tenhamos um capítulo exclusivamente dedicado aos pobres, e assim titulado. Mas antes de nos referirmos a ele é preciso voltar num tempo médio entre a publicação de *Ao vencedor...* e *Um Mestre...*, mais precisamente para o ano de 1983, quando Roberto Schwarz organiza a coletânea *Os pobres na literatura brasileira*. Com artigos de pesquisadores importantes como Marisa Lajolo, Alfredo Bosi e Haroldo de Campos sobre diversos ícones da literatura brasileira como Monteiro Lobato, José de Alencar, Castro Alves e Simões Lopes Neto, Schwarz procurou demonstrar que a literatura representa, sim, uma realidade social e chega a afirmar, na apresentação da obra, que “basta não confundir poesia e obra de ciência, e não ser pedante, para dar-se conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza” (SCHWARZ, 1983, p. 7).

A antologia não teve nova edição, o que também corrobora com aqueles dados levantados no começo deste artigo, mas evidenciou o interesse de Schwarz em estudar os pobres e a possibilidade de outros críticos o fazerem, ainda que nem todos os textos tenham compreendido o conceito marxista de pobre proposto pelo organizador (vide caso de Haroldo de Campos sobre Oswald de Andrade). No que diz respeito ao artigo de Schwarz ele demonstra como D. Pláci-

da, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sintetiza o pior dos mundos escravista (brasileiro) e liberal (europeu, modelo supostamente adotado pelo Brasil de então), resultando em trabalho abstrato sem direito a reconhecimento social. E vai além, colando a personagem fictícia a um tipo social: "já ficaram indicadas a sua generalidade de classe e a correspondência com a estrutura social do país" (SCHWARZ, 1983, p. 48).

É não apenas esse ponto de vista como esse mesmo texto que o crítico usará em seu capítulo "Os pobres" em *Um mestre na periferia do capitalismo*, publicado sete anos depois da antologia. Ao texto sobre D. Plácida serão somados textos sobre as vidas de Eugênia, a menina coxa, e Prudêncio, o escravo liberto do Cubas pai, permitindo ao crítico formular idéias como a de que a pobreza tem sim uma finalidade, ainda que absurda, de reproduzir a ordem social que é a sua desgraça, "está descrita em seu ciclo regular, por assim dizer, funcional, e não falta método a seu absurdo" (SCHWARZ, 2000, p. 109). Como símbolo dessa idéia Schwarz lembra a cena em que Prudêncio, antes escravo, chicoteia um negro e repete as ordens e palavras antes a ele dirigidas por Brás Cubas: "cala a boca, besta" (SCHWARZ, 2000, p. 113).

Quando questionado, na mesma entrevista de 1990 já citada acima, sobre a conexão entre essas reflexões de caráter social e os motivos que o levaram a organizar o volume sobre *Os pobres na literatura brasileira*, Schwarz reafirma a importância deste estudo social sobre a obra de Machado e ironiza as críticas mais tradicionais sobre *Memórias Póstumas*:

Nós todos sabemos, mas costumamos esquecer, que o caráter irreal e o deslocamento da modernidade no Brasil não decorrem da incultura das elites, mas da situação apartada e da falta de direito em que vivem os pobres. Esta é a chave de quase todos os problemas políticos e estéticos do país. (...) Quem diria que um jogo tão britânico e requintado como o andamento das *Memórias Póstumas* está ligado às discriçãoariedades de uma sociedade escravista e clientelista? Pois está (SCHWARZ, 1999, p. 225).

Dessa forma o crítico foge das análises mais comuns sobre aspectos célebres da obra machadiana, como as figuras femininas, o pessimismo, a ironia, vendo-os sob a perspecti-

va de que esses caprichos têm caráter de classe e passam a ter efeito irônico porque mudam inteiramente de significado segundo a sua função de momento. Algumas análises contemporâneas chegam a propor que “com ferramentas cuidadosamente cinzeladas por Schwarz que o grande escritor brasileiro [Machado], lido até então por muitos como uma espécie de inglês deslocado, emergiu para os leitores contemporâneos” (SANTOS; MOURA, 2004, *Online*).

Pode causar estranheza que mesmo o objeto de *Um mestre na periferia do capitalismo* sendo exclusivamente o romance *Memórias Póstumas* as proposições do crítico se estendam para toda a obra hoje dita da segunda fase machadiana. Ele chega mesmo a falar em viravolta de ordem ideológica: “a viravolta, que permitiria incorporar à elaboração romanesca uma técnica disponível e comum a muitos, era de ordem ideológica” (SCHWARZ, 2000, p. 232). Nesse sentido é salutar a menção a um texto de Schwarz publicado primeiro em revista em 1991, depois em uma antologia de ensaios, em 1994, e finalmente em um livro assinado pelo autor em 1997, *Duas Meninas*.

“A poesia envenenada de Dom Casmurro”, originalmente uma aula dada para o concurso de professor titular de literatura brasileira na Unicamp, em 1990, retoma o recorte de classe do estudo anterior e enfatiza o fato de Capitu ser “filha de vizinhos pobres” (SCHWARZ, 1997, p. 14). A partir deste ponto, o romance entre Bentinho e Capitu é o amor entre a vizinha pobre e o rapazinho família, e exatamente por isso o narrador deve ser visto como um homem capcioso que sai da regra e sujeita a convenção literária às suas prerrogativas de classe (SCHWARZ, 1997, p. 41). Já Capitu, a mocinha, segundo Schwarz, “ao fazer um bom casamento escapa às condições modestas de sua família e fica ‘como um pássaro que saísse da gaiola’” (SCHWARZ, 1997, p. 30).

Trocando em miúdos, o amor entre a vizinha pobre e o rapazinho família, com o correspondente anseio de felicidade, de realização pessoal e mesmo de saída histórica e progressista para uma relação de classe, anima a intriga até um ponto avançado do livro, quando então a dimensão autoritária da propriedade rouba a cena e galvaniza o antigo nhonhô, que agora se enxerga como vítima, desme-

rece e escarnece as suas próprias perspectivas anteriores de entendimento, igualdade, lucidez, e afirma pela força a sua disposição de mandar sem prestar contas, tudo isso dentro de uma linguagem requintada e civilizada, digna e própria da *Belle Époque*. Essa a curva do romance e um de seus elementos tácitos de generalização, em que o leitor interessado poderá buscar o perfil sintético de um caminho brasileiro para a modernidade (SCHWARZ, 1997, p. 34).

Não satisfeito em transformar o mais célebre e discutido romance das belas-letras brasileiras em um conflito de classe, Schwarz, em *Duas Meninas*, põe ao lado do ensaio sobre Dom Casmurro um ensaio inédito sobre *Minha vida de menina*, de Helena Morley, e ainda dá ao ensaio o título de “Outra Capitu”, provocando nova fúria dos puristas e defensores do cânone. Este debate originou uma exposição do autor ao grupo da revista *praga*, no mesmo ano de 1997, onde o crítico admite que “a comparação de um livro que não consta do elenco das grandes obras brasileiras com outro que possivelmente seja o melhor e todos naturalmente tem um tantinho de provocação”, para adiante arrematar com sua aqui já conhecida lógica de pensamento: “eu estava interessado em explicitar o sistema de relações sociais” (SCHWARZ, 1999, p. 238).

É neste momento, um tanto provocado pela reação a *Duas Meninas*, outro pela aposentadoria da Unicamp, na qual trabalhou como professor até aquele ano, que Schwarz dá algumas das mais fortes declarações sobre a crítica brasileira, lamentando a dificuldade que esse ponto de vista social tem para se tornar produtivo no plano da análise estética no Brasil: “a sociedade brasileira é evidentemente *sui generis*, (...) ela tem um sistema de relações sociais próprio, mas não ocorreu à crítica que esse sistema tivesse potência estruturante do ponto de vista estético” (SCHWARZ, 1999, p. 230). Por outro lado, o crítico nota a importância de se fazer isso num país onde “a boa literatura é mais adiantada ou mais diferenciada do que os nossos historiadores e sociólogos” (*Idem*, p. 232) e finaliza definindo Collor – presidente quando do lançamento de *Um mestre...* – como uma “franja crapulosa dos romances machadianos” (*Idem*, p. 235).

Ainda que a crítica cerrada a Machado tenha tomado grande parte do seu texto e dos seus escritos, Roberto Schwarz segue um “observador atento e preocupado com o que se passa hoje na

literatura do país” (SANTOS; MOURA, 2004, *Online*). Sempre relacionando sociologia e literatura, o crítico fará análises entusiasmadas de contemporâneos como Chico Buarque, Francisco Alvim e Roberto Kurz, mas é com *Cidade de Deus*, romance de Paulo Lins publicado em 1997 e celebrado pelo filme de Fernando Meirelles, que ele guarda maior proximidade: desta vez Schwarz não se limitou a analisar o romance como um crítico distante, e sim participou ativamente da criação deste.

Paulo Lins, estudante universitário e morador da *Cidade de Deus*, ganhou uma bolsa da socióloga Alba Zaluar para desenvolver um projeto de antropologia sobre a favela, utilizando-se de seu fácil acesso aos moradores. A pesquisadora queria que Lins escrevesse um texto antropológico ou sociológico, mas o rapaz disse que isso não escreveria, no máximo um poema. É neste ponto que entra Roberto Schwarz na vida de Paulo Lins:

Fiz um poema, demorei três meses para fazer, e ela mostrou ao Roberto Schwartz, aqui em São Paulo. Ele ligou pra mim, fiquei todo contente, “pô, o Roberto ligou pra mim”, era um crítico, eu estava na faculdade, já tinha lido quase a obra toda dele, na faculdade você é obrigado a ler o Roberto. E ele perguntou: “Permite publicar o poema na revista do Cebrap?” Publicou o poema e deu o aval pra eu escrever um romance. Aí, minha vida complicou. Escrever um romance não é brincadeira, não (LINS, 2003, *Online*).

O resultado é uma obra que, segundo o crítico, merece ser saudada como um acontecimento, um romance que “parte da envergadura e da disposição ousada à parceria com a enquête social” (SCHWARZ, 1999, p. 168) capaz de representar uma sociedade que está criando “mais e mais ‘sujeitos monetários sem dinheiro’. O seu mundo é o nosso, e longe de representarem o atraso, eles são resultado do progresso, o qual naturalmente qualificam” (*Idem*, p. 171).

O que mais me chamou a atenção em *Cidade de Deus* foi, primeiro, a extrema vivacidade da linguagem popular, dentro da monotonia tenebrosa das barbaridades, que é um ritmo da maior verdade. Depois, a mistura muito moderna e esteticamente desconfortável dos registros: a montagem meio crua de sensacionalismo jornalístico, caderneta de campo do antropólogo, terminologia técnica dos marginais, grossura policial, efusão lírica, filme de ação da Metro etc. E sobretudo o ponto de vista narrativo, interno ao mundo dos bandi-

dos, embora sem adesão, que arma um problema inédito. Há ainda o conhecimento pormenorizado, sistematizado e refletido de um universo de relações, próximo da investigação científica, algo que poucos romances brasileiros têm. Enfim, é um mix poderoso, representativo, que desmanchou a distância e a aura pitoresca de um mundo que é nosso. É um acontecimento (SANTOS; MOURA, 2004, *Online*).

Do exilado de *Ao vencedor, as batatas* ao entusiasta de *Cidade de Deus* notamos uma evolução crítica e uma elogiável coerência ideológica. Evidentemente aqui passamos muito superficialmente pelos principais momentos da obra ainda em pleno vigor de Schwarz, mas com alguma clareza se pôde identificar, num primeiro momento, a tentativa de fincar bandeira e bradar que é possível, sim, e mais do que isso é necessária uma análise de classe, uma análise voltada aos pobres na literatura brasileira. Com *Um mestre na periferia do capitalismo* Schwarz amadurece e endurece sua fórmula, analisando o narrador e a obra sob uma perspectiva de “desfaçatez de classe”, e saudando Machado por ter dado um salto ideológico em relação aos seus contemporâneos e a si próprio. Na década de 90, já readaptado ao Brasil e o próprio Brasil readaptado à democracia (pelo menos a democracia possível, ainda em vigor), Schwarz amplia seu método para outras obras machadianas e chega a participar da construção de *Cidade de Deus*, que se não tem, de longe, a genialidade estética de um Machado, pode ser, daqui a cem anos, objeto de estudo de um herdeiro schwaziano, talvez um austríaco árabe que, tendo fugido para o Brasil em função da invasão israelense em seu país, releia o compatriota e se interesse pela enorme massa dos “sujeitos monetários sem dinheiro” de nossa rica economia.

## REFERÊNCIAS

FISCHER, Luís Augusto. Traços do pensamento do jovem Schwarz. Apresentação de trabalho no encontro *A obra de Roberto Schwarz – Crítica materialista no Brasil*. São Paulo, 2004.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

LINS, Paulo. Entrevista explosiva. *Caros Amigos*, Maio de 2003. Disponível em: [http://carosamigos.terra.com.br/da\\_revista/edicoes/ed74/entrevista\\_paulolins.asp](http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed74/entrevista_paulolins.asp). Acesso em 29 julho 2006.

SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos; MOURA, Mariluce. Um crítico na periferia do capitalismo. *Universia*, Abril de 2003. Disponível em: [http://www.universiabrasil.net/html/materia/materia\\_dggi.html](http://www.universiabrasil.net/html/materia/materia_dggi.html) Acesso em 30 julho 2006.

SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

\_\_\_\_\_. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000. 34 ed.

ZIMMERMANN, Patrícia; SPITZ, Clarice. Brasil é oitavo país em desigualdade social, diz pesquisa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07 set. 2005. Cotidiano, p. 5.